

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT

Programa de Extensão de Língua Portuguesa, Literatura e Formação Continuada (PROLLI)
Projeto de Extensão Formação Continuada em Literatura.

A nódoa no brim

I Antologia da Oficina de Escrita Criativa

Rubens da Cunha
Organizador

Recôncavo – Inverno – 2019

O poema deve ser como a nódoa no brim:
fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero

Manuel Bandeira

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros

Cadáver Delicado I.....	4
Aline Mota	5
Bárbara Oliveira Bomfim	10
Bernadete Ferreira	15
Carmen Lucia Cardoso Lima	19
Cordélia Costa.....	21
Helenoildes Souza	25
Margery Bacelar	29
Maykon Santos.....	33
Rosa Moraes	37
Rubens da Cunha.....	39
Cadáver Delicado II.....	41

Cadáver Delicado I

poema coletivo feito no primeiro encontro 25/05/2019

amo

amar

pois a saudade
é dor de buraco
e agulhas são veias
que furam meu corpo
me afoguei
sobre o mar

de amor

pois forte
e intenso

é o amor

é como andar
nas asas
da imaginação
afogando

o amor

A lua silencia
meu olhar
cachorros cantam
a liberdade
meu cabelo caído
todo na água
surge em cadáver
como uma cenoura
porque
só resta
o som das coisas
já que as pessoas
emudeceram
e o sentido da vida
é não se afogar
porque

o amor

nos embebeda
de certezas e

incertezas

Aline Mota

Corpo

às segundas,
passamos fca.

A panela aquece
na nesga de fogo.

A nuca é uma boca rouca.

Poça de pena.
Chacota da pobreza.

(Ser)tão

Forço a enxada.

No chão machucado,
ouço a tristeza falar.

Silêncio

a faca lambuza a veia

Bárbara Oliveira Bomfim

luar bonito faz amor rumo à boa raiz
em completo desatino

pepicando o infeliz
perfurando sua pele no destino

nua
crua
lisa
dura

simplesmente na loucura
de um eterno aprendiz.

O silêncio
encantado,
despertado
aguçado,
visualiza um grande mar
na montanha destilada,
germinando a raiz livre
ao rumo do luar,
fazendo amor
com a cintura
afundada,
despedaçada,
desconfigurada,
desamarrada,
desabrochada,

em águas imundas
em descomeço dos avessos
à procura da amada.

A boca do sol cria um girassol
que, esperto, faz uma beleza concreta
nessa proeza distante.

No lugar com paredes embranquecidas
alguns buraquinhos transparecem a escuridão.

Junto de pregos fixados, ao olhar-se pelo chão, pisos ensopados.

Sombras se esvaem pelos acentos e peças.
O clarão das janelas entreabertas
apoia-se na pedra, sobre o tapete redobrado, à espera de um pé.

Na passada, em curva, indo à saída,
veem-se borboletas lisonjeiras pelo chão
embebedado de limo maciço e escuro.

Pelas paredes vermelhas,
enfeitadas de verde folhagem,
enraizadas ao tubo, com a figura do moço narigudo,
a observar a moça de caldas azuis,
respirando seu troféu,
enfocado na parede
à espera de ser notado
como um simples bacharel.

Bernadete Ferreira

o amor viaja no dragão
no sentido das borboletas de bigode.

a borboleta lambuzada
escreve com as agulhas

a esperança chuta
o conhecimento da união

o quadro se afoga
no amor silencioso

colorido.

na parede
no quadro da sala
uma mão aberta
abraça joga pedra

na palma um olho
ler sorte traços
ver lá fora

árvores animais
grades portão
solidão direção
cidade mundo

afora

devora.

Carmen Lucia Cardoso Lima

Depressão

Medo de dormir, do escuro, de sonhar.
Medo do medo. Medo do silêncio.
Medo de acordar do medo.

Medo de ter medo.
Aura sombria, atravessada pelo medo.
Medo da rua, do latido do cão.
Medo das pisadas.
Medo de quando batem à porta.

Medo da constelação.
Medo da chuva.
Medo do sol.

Medo de pessoas.
Medo do sorriso.

Medo do infinito.

Cordélia Costa

Versões 1

I
Meu corpo,
borboletando dragões,
viaja.

II
Realizando dragões de volta,
meu corpo viaja.

Versões 2

I
Em pedra,
meu coração derramou
amargura.

II
Derramei pedra
em meu coração
amargurado.

Casulo

o ar reflete o tempo atrás da janela
a trava da janela impede de sentir o tempo lá fora

o frio é brita sobre a minha pele
quero destravar desse casulo

olho pela greta o vento na mangueira
o muro seduzido pelas trepadeiras

pilastra, permaneço flutuando

Helenoildes Souza

a bola rola na rua
e quando
gira a bola

a criança ri

o girassol brilha

só

num dia de sol

olho para o interior
do meu espelho partido
tento recolher os cacos
fragmentados pela dor

imerso na solidão
sinto que é perigosa
a vida pulsar na veia

pego um desses cacos
- plíc - o sangue esvai

sai a última gota
deste presente vago
que me deu o acaso

Margery Bacelar

Frase I

Há uma montanha de agulhas onde os pés não podem tocar.

Frase II

O bebê cuspiu borboletas ao nascer.

Frase III

Apesar do dragão ser esbelto, ele não soltava fogo.

Frase IV

A união foi arrancada de minhas mãos e tudo que transborda agora são espinhos.

Frase V

Eu ouvi você soltar cores ontem quando o mundo soou cinza.

Frase VII

Os tetos se tornaram o chão.

Frase VIII

Minha tia é uma via que me fez amaldiçoada

Frase XIX

Quando a tristeza bate na porta, tudo deixa de ser uma proeza.

Frase X

Tenho pena daqueles que não sabem lavar panelas.

Frase XI

Os bambus ficaram em casulos.

Frase XII

Dei um colar à ela porque queria falar, mas tudo que ganhei foi um olhar.

Frase XIII

O sol tocou no lençol sobre sua pele.

I

Labirinto onde me perdi aos dezoito,
onde sinto meus pés afundando no chão.

Labirinto sem piedade, sem compaixão.
E talvez de tanto me perder,
continue aqui.

II

Tenho pena daqueles
que não sabem lavar panelas,
que vão sem viver,
que não sabem onde escrever,

que nunca tiveram alguém
para cheirar a nuca.

gatos andam dentro de balões
com as borboletas
inconformados de quem são

Maykon Santos

Amor silencioso
e saber nadar
e viajar nas águas do mar
e caminhar na montanha

e voltar a sonhar.

a enxada nas minhas mãos
a chinela nos meus pés

o sol quente sobre mim
queima minha pele.

a janela aberta a porta se fecha
a tomada ligada as mãos sobre a mesa
meu corpo descanso naquela cadeira
no clarão da luz vejo a sala inteira.

o vento sopra as folhas secas
as árvores jogam os frutos no chão

o muro carrega grades de ferro encravadas no céu

Rosa Moraes

Pichado

Tomar um rumo e sentir
num casulo de palavras soltas
aprisionadas neste muro.

Escrevo no escuro cores rotas...

De tristeza, estado interessante.
Proeza da boca do falante:
louco instante, breve voz.

Êxtase de um corpo delirante...

Rubens da Cunha

no canto gasto
do piso de madeira
é preciso pisar com cuidado

são afetos e defeitos
não vistos do alto

nesse canto
cantavam silêncios
debaixo dos armários
cristaleiras sofás

os silêncios cantavam
até mesmo debaixo
dos amores acontecidos

é um canto gasto do piso
que muito gasta o olhar
pois nu se desvela
no corpo de quem aqui pisa

Cadáver Delicado II

poema coletivo feito no último encontro 29/06/2019

uma fortaleza se dissolve com a chuva
palmeiras se estendem no sapato

andei sem rumo
cheguei sem espaço
feito um dente que cai

logo vi
logo fui
e aprendi
e segui espalhando
querendo transbordar
o mundo de amor
no silêncio de murmúrios
sussurrando pelo chão
pois o importante entre os humanos
é o sentimento

assim
minha vida reflete no meio do tempo
o som do pulso de anáguas rendadas
e ternura no olhar.

